

MUSEU : BIBLIOTECA

Folha para Hemeroteca

Cl:

Data publicação

101 51 89

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Assunto:



## 100 anos

O historiador Teodoro Sampaio, em seu *São Paulo no Século XIX*, fala do crescimento paulista no final do oitocentismo:

“(...) São Paulo triplica de habitantes em dez anos: de 45.000 em 1886 atinge a 150.000 em 1896, e destes mais de metade são europeus. Campinas, Rio Claro, Santos e tantas outras cidades da zona cafeeira duplicam as respectivas populações em igual período”. Estas informações Teodoro Sampaio apresenta, originariamente, em relatório anexo ao do secretário do Interior, Dino Bueno, em 1897.

Café. O produto levou desenvolvimento ao Interior e o Grande ABC, através do velho Município de São Bernardo, não se destaca neste setor. No entanto, nossa região foi importante para a cultura, como destaca Teodoro Sampaio:

“A cultura do cafeeiro não teria certamente logrado tão rápido e considerável desenvolvimento pelos sertões distantes, se não fora a rede de viação acelerada de que é o tronco, e a primeira na ordem cronológica como na benemerência em relação ao progresso desta terra, a estrada de ferro inglesa, a *São Paulo Railway*”.

A SPR, que nos legou Parapiacaba, cortou toda a região e levou o progresso para junto de suas estações.

## E a biquinha chega ao fim...

Nely Bacchi e Laura Bacchi, sua irmã, ambas naturais de Santo André, falam mais da história da cidade. Revelam detalhes da Escola Profissional Júlio de Mesquita, de Santo André, pioneira no Grande ABC.

- Laura Bacchi estudou na Escola Normal de Artes e Ofícios, que ainda existe no Bairro do Brás, em São Paulo. Fez um curso de quatro anos. Formou-se em 1924. Depois casou e ficou nove anos longe da escola. Tinha uma filha de três anos quando, a conselho do pai, resolveu retomar os estudos.

- Com a inauguração da Escola Profissional Júlio de Mesquita, em Santo André, a 15 de setembro de 1935 (governo Felício Laurito), dona Laura foi admitida como professora. Uma das primeiras. Ensina corte e confecções.

- Outras professoras pioneiras: Celina de Lima (professora de flores); Maria Ricco (inspetora de alunos e que foi diretora provisória durante três ou quatro meses, até a admissão do primeiro diretor, Sebastião de Oliveira Campos); Vitalina Ricco, irmã de Maria Ricco e auxiliar de dona Laura nas aulas de corte e costura; Clotilde Martins, excelente professora de Português, nascida em Santo André e que depois seria esposa de Afonso Maria Zanei.

- A Júlio de Mesquita começou a funcionar numa casa velha da Se-

nador Fláquer. Depois mudou para a praça do Carmo.

- Dona Laura e suas alunas confeccionaram a primeira bandeira de Santo André, a pedido do médico e historiador Octaviano Gaiarsa, que levou o modelo até a Júlio de Mesquita.

- Dona Laura foi professora durante 31 anos na Júlio de Mesquita. Sua irmã Nely lecionou 30 anos na escola.

- As irmãs Bacchi falam com carinho da biquinha famosa de Santo André, que existia na esquina da Luiz Pinto Fláquer com General Glicério. Quando faltava água em Santo André todos recorriam à biquinha. Formavam-se filas. Vinha gente até de Utinga buscar água. Os jogadores do campo do Primeiro de Maio, ali perto, se lavavam na biquinha, cujo terreno foi doado à Prefeitura por Nelson Cardoso Franco, que sonhava ver o local bem cuidado e transformado em atração turística.

- A biquinha gerou algumas frases célebres: “Quem bebe desta água não sai de Santo André”. Ou: “Menina levadinha namora no escuro da biquinha”.

- A biquinha famosa foi fechada nos primeiros meses do governo Lauro Gomes, em 1964. O prefeito mandou canalizar a água à rede de esgoto, afirmando que a água era não potável.